

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
SECRETARIA DE ESTADO, DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY  
CURSO DE PEDAGOGIA-LICENCIATURA**

**ADÉLIA DE JESUS XAVIER ARAÚJO**

**PERCURSOS DA MINHA VIDA ESTUDANTIL, ACADÊMICA E  
PROFISSIONAL**

**NATAL/RN**

**2014**

**ADÉLIA DE JESUS XAVIER ARAÚJO**

**PERCURSOS DA MINHA VIDA ESTUDANTIL, ACADÊMICA E  
PROFISSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso- Memorial de Formação- apresentado ao Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Ms. Maria Aparecida da Silva Andrade

**NATAL/RN  
2014**

**ADÉLIA DE JESUS XAVIER ARAÚJO**

**PERCURSOS DA MINHA VIDA ESTUDANTIL, ACADÊMICA E  
PROFISSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso-  
Memorial de Formação- apresentado  
ao Instituto de Educação Superior  
Presidente Kennedy, como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia, analisado e  
aprovado pela Banca Examinadora  
formada pelos professores:

---

Orientador(a): Profa. Ms. Maria Aparecida da Silva Andrade  
Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP

---

Profa. Esp. Maria Rosalye Lira de Oliveira Félix  
Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy -IFESP

---

Profa. Maria José Belém Cordeiro  
Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy -IFESP

**Natal/RN, 09 de abril de 2014**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a todos que torceram por mim, à minha família, à minha mãe (*in memoriam*) que com exemplo e muito amor, nos ensinou que lugar de negro é aonde ele quiser chegar.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, pela paciência, pela persistência, pela fé, por estar presente em minha vida e em meu coração, por ter me orientado pela inteligência, por ter me socorrido e mostrado estar comigo nos melhores e nos piores momentos, por ter me carregado no colo quando a prova foi difícil, provando que Ele jamais abandonará um filho seu, quando este reconhece que Ele é o Deus do impossível.

Agradeço à minha querida mãe, por ter me ensinado que a vida é maravilhosa, que existem problemas, mas que a vida não é um problema, não saber viver, sim. Que sempre me deu apoio total, orientando-me, dispensando atenção, incentivando e ajudando em relação aos estudos, mostrando, através de seu exemplo, sabedoria, caráter, amor, confiança e esperança, e que naquele tempo já nos mostrava que seria difícil lutar contra a exclusão, mas tínhamos que nos fazer fortes para lutar e vencer, que temos que ser persistentes, que jamais devemos desistir, mesmo quando parecer impossível, temos que perseguir nossos sonhos, investir, fazer o necessário para que estes se tornem realidade e desconfiar sempre que alguém tentar desencorajar.

À minha família, que não é nada pequena e todos sempre estiveram na torcida. Inclusive meu pai que, apesar do seu jeito estranho, teve sua parcela de colaboração para minha existência, crescimento e educação, afinal ele foi o primeiro a me inserir neste mundo maravilhoso do conhecimento e da aprendizagem das letras e números.

Aos professores de todos os cursos que fiz, que fizeram parte dessa minha trajetória, desde o primário, principalmente à minha professora, a querida Maria Thereza. Para mim, fez toda diferença ter uma negra como primeira professora.

Aos colegas de turma, aos amigos sinceros que, de uma forma direta ou indireta, também me incentivaram. Nunca pensei em desistir, mas quando um problema maior surgia, eu ouvia alguém me encorajando para não desistir.

Àqueles que fizeram dupla comigo nos estágios, pela paciência, colaboração, pela troca, pela aprendizagem que oportunizaram, na elaboração de relatórios, etc. Aos componentes de todos os grupos dos quais fiz parte em

algum momento. Foram vivências e convivências muito importantes e significativas, levarei para toda vida essa experiência.

Aos professores do Curso de Pedagogia os quais, com dedicação e profissionalismo, nos transmitiram uma gama de conhecimentos, preparando-nos para a vida profissional e também pessoal, pois na carreira do magistério não só as aprendizagens acadêmicas merecem destaque.

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

Nelson Mandela (1918 – 2013)

## RESUMO

O presente Memorial de Formação é um Trabalho de Conclusão de Curso, solicitado pelo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Tem por objetivo relatar, de forma crítica e reflexiva, a trajetória escolar, acadêmica e profissional de Adélia de Jesus Xavier Araújo. Nesse percurso discute sua formação estudantil destacando por fases. No segundo capítulo, trato de minha infância e do desejo de ingressar na escola. O terceiro, foi destinado à Educação Formal, discute diversos aspectos como o meu contato com o universo da leitura e da escrita bem como a metodologia de ensino de dos professores. No que diz respeito ao Ensino Superior, quarto capítulo, analiso a minha trajetória acadêmica destacando a realização de dois cursos superiores: Psicologia e Pedagogia respectivamente. Ao mesmo tempo relato e reflito sobre minha vida profissional, no quinto capítulo. Finalizo o trabalho, no sexto capítulo, ressaltando as contribuições proporcionadas pelo Curso de Pedagogia para a minha formação pessoal e profissional e tecendo minhas considerações finais.

**Palavras – Chave:** Aprendizagem. Experiências de Formação. Memórias.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 A INFÂNCIA .....</b>	<b>10</b>
<b>3 EDUCAÇÃO FORMAL.....</b>	<b>12</b>
3.1 PRIMÁRIO .....	12
3.2 GINÁSIO.....	16
3.3 CURSO COLEGIAL .....	17
<b>4 ENSINO SUPERIOR .....</b>	<b>19</b>
4.1 O CURSO DE PSICOLOGIA .....	19
4.2O CURSO DE PEDAGOGIA .....	21
<b>5VIDA PROFISSIONAL .....</b>	<b>28</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este Memorial de Formação, cujo título é *PERCURSOS DA MINHA VIDA ESTUDANTIL, ACADÊMICA E PROFISSIONAL*, é requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Tem por objetivo relatar a minha trajetória de vida escolar, acadêmica e profissional destacando os acontecimentos que marcaram minha história de formação não deixando de lado sentimentos, minhas emoções, mágoas, tristezas e minhas alegrias que foram muitas durante esse trajeto.

O referido Memorial apresenta-se estruturado em seis capítulos assim distribuídos: o primeiro, esta introdução, apresenta a finalidade, o objetivo e a estruturação.

O segundo capítulo trata da minha infância, no qual aponto o meu desejo de ir para a escola. O terceiro destina-se a Educação Formal. Nele discuto sobre o meu percurso estudantil nessa etapa destacando o Curso Primário, o Curso Ginásial bem como o Colegial.

No quarto, reflito sobre minha formação acadêmica com a realização de dois cursos superiores: Psicologia e Pedagogia, do qual destaco as contribuições que esses cursos proporcionaram para que eu ampliasse meus conhecimentos e pudesse refletir sobre a importância e responsabilidade de ser um profissional docente.

No quinto capítulo, discorro sobre minha vida profissional, no qual reflito sobre minha experiência com a Educação, além de tratar de outras atividades que exerci.

O sexto capítulo finalizo o memorial tecendo considerações a respeito de minha trajetória estudantil, acadêmica e profissional e aponto perspectivas pessoais para o futuro.

## 2 APRENDIZAGEM

### 2.1 A INFÂNCIA

Meu nome é Adélia de Jesus Xavier Araújo, Nasci em São Paulo, Capital, no bairro Itaquera, em Vila Carmosina, no ano de 1951, sendo a segunda filha de um grupo de cinco irmãos. Minha infância foi tranquila e maravilhosa. Meus pais, pessoas simples nos educaram com muito amor e sacrifício e sempre se preocuparam em nos preparar para a vida escolar, mesmo não tendo muito estudo, pois não tiveram as chances que há hoje em dia, em que a oferta de escola é bem maior do que em 1958.

Hoje também se presencia uma maior liberdade por parte da criança e do adolescente os quais pensam que têm o direito de fazer tudo o que quiser conhecendo apenas seus direitos, já os seus deveres: nem imaginam que existem, pois, a meu ver, os pais se sentem acuados em relação ao estatuto da criança e adolescente, transferindo para a escola o papel que cabe à família, a educação em valores. Muitos filhos pensam que o mundo gira em torno de si e que todos precisam fazer todo e qualquer sacrifício para cumprir suas vontades por mais absurdas que sejam.

Com quatro anos de idade eu cantava a tabuada do quatro, conhecia as vogais e tinha loucura para ir para a escola, sonhava tanto com o meu primeiro dia de aula. Diariamente quando meu pai saía para o trabalho, deixava tarefa para nós fazermos e quando chegava ia corrigir. Em 1951 a criança ia para o 1º ano escolar com sete anos completos, lembro-me de que chorava muito quando via uma criança indo para a escola, fazia contagem regressiva.

No substitutivo Lacerda o artigo 6º do Título III (“ A liberdade de ensino”) procurou fixar em leis os dispositivos capazes de assegurar os direitos da família e dos particulares em receber e ofertar os préstimos educativos.

É vedado ao Estado exercer ou de qualquer modo favorecer o monopólio do ensino, assegurado o direito paterno de prover, com prioridade absoluta a educação dos filhos e o dos particulares comunicarem aos outros os seus conhecimentos.

(DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL)

Como meu desespero era tamanho, aos seis anos, minha mãe tentou fazer minha matrícula e mais uma vez fui impedida. No ano seguinte tentamos novamente, mas precisava completar sete anos no primeiro semestre e como sou do mês de novembro, fui para casa esperar mais um longo ano.

### 3 EDUCAÇÃO FORMAL

Este capítulo trata de minha educação formal no qual discorro sobre meu percurso estudantil nessa etapa destacando o Curso Primário, o Curso Ginásial finalizando com o Curso Colegial.

#### 3.1 O PRIMÁRIO

Iniciei minha vida estudantil em 1958, aos sete anos de idade, no Grupo Escolar Álvares de Azevedo, na zona urbana do bairro de Itaquera, capital do Estado de São Paulo, com a minha primeira professora Dona Maria Thereza, a qual até hoje mora em meu coração, a quem juntamente com minha querida mãe, devo tudo que sei e tudo que sou.

Eu era muito tímida, calada, não respondia nem a chamada, pois não queria tirar nota baixa. Naquela época existia nota de comportamento, que avaliava o respeito aos mais velhos, às autoridades, ao local onde a pessoa estava. Acredito que falta muito dessa educação hoje em dia, não faria mal aos alunos de hoje.

Sou a favor de muita coisa que era utilizada na educação tradicional. Diariamente presenciamos um desrespeito assustador em sala de aula, onde o professor precisa pedir licença várias vezes ao aluno para que ele possa dar aula. Alunos que quase diariamente vão para a diretoria, por mau comportamento. O que estamos ensinando para esses alunos? Se essa educação não transforma, pode ser chamada de educação? Penso que esse comportamento se deve à falta de autoridade do professor e dos pais, que foi confundida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (mal interpretado pelos pais e mestres), em que o coitadinho do filho e aluno pode tudo, tem direito a tudo, só não tem deveres. Na verdade o que falta é limite.

Muitos xingam o professor, o colega, lutam dentro da sala de aula com o professor presente. Eu me pergunto: “Que educação é esta? Estamos preparando este ser para a vida, um ser crítico, político, consciente de seus deveres e direitos, um ator social. Que papel ele estará exercendo no futuro? Será que a culpa é dele? É nossa obrigação trabalhar lado a lado com a família.

A esse respeito busco respaldo em Godoy et al (2006, s.p.) que ao se referir à questão da indisciplina escolar na visão de Piaget (1994) assevera que:

perspectiva da teoria de Piaget, nos leva à reflexão sobre sua concepção do desenvolvimento da moralidade. O estabelecimento de regras e a maneira como os alunos percebem essas regras está na base desta reflexão sobre a indisciplina, pois, ao discutir as relações A questão da indisciplina no cotidiano escolar, analisada sob a entre moralidade e indisciplina, devemos estar atentos aos princípios subjacentes às regras implantadas e elaboradas pela escola: em especial, o princípio de justiça e a forma como a regra é estabelecida, ou seja, se o princípio é o da coação, por exemplo. Assim, ao considerarmos um ato indisciplinado ou não, necessitamos conhecer a natureza das regras que regem o grupo ao qual o sujeito pertence e a forma como as regras foram estabelecidas.

Para mim, o melhor momento era voltar para casa e contar as novidades que havia aprendido naquele dia. O ingresso da criança na escola, seu momento de chegada ou acolhida e despedida são de muita expectativa para ela, por isso o educador deve recebê-la com alegria, elogiar sua aparência, agradecer a florzinha quase seca que a criança traz para ele, demonstrar afetividade, carinho, amor e transmitir segurança. Tudo isso contribuirá para o processo de interação e adaptação do aluno recém-chegado. O afeto facilita a aprendizagem, transmite segurança à criança, e num ambiente seguro nasce o processo de ensinar e aprender. É um momento rico, de troca, de confiança, de resultados, de desenvolvimento biopsicossocial.

Não sei se foi de comum acordo de meus pais me alfabetizarem, só sei que com eles aprendi a escrever e ler. Com quatro anos já sabia a tabuada do um, dois, três e quatro, também aprendi a somar, multiplicar e principalmente a dividir por cinco, pois devido a dificuldades financeiras pelas quais passamos (eu e meus irmãos), tudo era dividido por cinco. Hoje sei claramente que aprendi também fração. Na época nem tinha noção, mas percebo que aprendi com minha mãe que tudo tem dois lados: o bom e o ruim. Temos que aproveitar o lado bom de tudo e como ela dizia: “Os tombos que levamos na vida é que nos ensinam a levantar.”

Com meus pais aprendi o respeito, o amor, a solidariedade, a ética, a moral, o caráter, a responsabilidade, o compromisso, a cidadania, o limite, o direito e o dever.

O primeiro ano foi muito bom, melhor do que eu imaginava. Comecei a desvendar o mundo, a aprender muito mais coisas diferentes, quanto mais eu aprendia, mais queria conhecer. Minha cabeça parecia um depósito de interrogações. Minha professora era a pessoa, depois de minha mãe, mais bonita, elegante, que eu já tinha visto. Era cheirosa, até hoje sinto o aroma do perfume que ela usava, quando me lembro dela.

Maria Thereza, negra, bonita, alta, delicada, inteligente, com voz meiga, seu olhar compreensivo e adivinhador. Lembro-me de um passeio que fizemos no qual, pela primeira vez, comi um pedaço de maçã, e foi ela quem me ofereceu. Eu era muito tímida e só não ficava com falta porque a professora via que eu estava lá, pois eu mal abria a boca. Naquela época havia nota de comportamento, e minha mãe dizia que se tirássemos nota baixa por mau comportamento, ela ficaria muito triste, seria uma vergonha. Eu não queria decepcionar minha mãe e nem queria correr o risco de perder o direito de ir à escola.

Sempre fui uma aluna esforçada: tirava notas boas, era aplicada nos estudos, e sempre era incentivada por todos da família, por isso era sempre a primeira da classe. Particpei de um concurso de redação e ganhei em primeiro lugar. Naquela época, o aluno era incentivado. Adoro ler. O primeiro livro que li, encontrei no lixo de alguém.

O aluno era incentivado e estimulado a crescer, a evoluir, a escola e o ensino eram valorizados; o professor, a família e a educação eram sagrados. Mas quando terminei o quarto ano, descobri de forma dolorida e cruel que muitas surpresas me esperavam. Passei em primeiro lugar na minha sala, mas a aluna que foi representar a sala e receber o prêmio foi outra aluna (loira, olhos azuis, filha única e neta de uma família abastada que era dona da metade do bairro onde eu nasci). Por que será?

Essa passagem na minha Trajetória escolar demonstrou para mim principalmente o reconhecimento de que para o estado brasileiro consolidar-se enquanto Nação:

[...] não necessitou criar mecanismos legais para excluir e segregar os descendentes de africanos como ocorreu nos Estados Unidos e na África do Sul. Ele pôde contar com várias estruturas sociais eficientes, entre elas a escola, que tem o papel preponderante na legitimação e manutenção dos interesses dos grupos dominantes

sem esta precise intervir diretamente de maneira opressora.  
(PARENTE , 2001. p.16 )

Ficamos muito tristes, minha mãe foi à escola reclamar nosso direito à direção, mas usaram a justificativa de que eu não teria roupa adequada para participar da cerimônia. Qual mãe não faria o sacrifício para apresentar com orgulho sua filha em uma cerimônia? E ela fez mesmo assim.

Hoje em dia, lutamos por nossos direitos, apesar de existirem apenas no papel. Naquela época, em 1961, era cada um por si, o dinheiro e a cor da pele (branca) se sobrepunham ao direito comum. Fiquei muito triste, minha mãe também. Essa foi minha primeira grande decepção em que aprendi, de forma dolorosa, que nesta vida, nesta sociedade hipócrita não se joga de igual para igual, nem se luta com as mesmas armas.

Mas este triste acontecimento me ensinou que existem pessoas desonestas, sem caráter, com as quais teria que conviver, nesse momento ainda não sabia, mas já estava aprendendo coisas de certa forma muito duras, lendo o mundo.

No Curso de Pedagogia em algumas disciplinas ficou claro que o que falta a essas pessoas é Ética, Respeito, Moral, Política, Cidadania, Humanização, Amor ao próximo e ainda acrescento: Humildade e Dignidade, o saber ser. Aqui ainda cabe o tema da redação que foi solicitado no vestibular que fizemos para seleção no ano de 2009, no Instituto Kennedy: “O jeitinho brasileiro” Deu-se um jeito, encobriram suas ações desonestas e jogaram debaixo do tapete o que a sociedade finge que não vê, finge que não existe.

O triste é ouvir de muitos que encham a boca para dizer que no Brasil não existe preconceito. Claro que não existe para quem o pratica, mas quem sofre na pele, tanto existe que não se esquece, fica “tatuado”, principalmente na memória e no coração. Mas ainda bem que seres humanos podem contar com a **resiliência**<sup>1</sup>. O que sei é que os tombos que me dão, ensinam-me a

---

<sup>1</sup> Resiliência significa a habilidade de persistir nos momentos difíceis mantendo a esperança e a saúde mental. Pessoas altamente resilientes, tornam-se mais fortes após situações difíceis. Em geral, a resiliência depende de algumas condições psicológicas internas e externas. No nível interno, são favorecidas as pessoas otimizadas, que assumem a responsabilidade pelas próprias escolhas, que prezam a autonomia, que estabelecem vínculos sociais e familiares positivos e que são flexíveis no que diz respeito à mudança de posicionamentos, sentimentos e pensamentos. Ao nível das condições externas estão as relações positivas, àquelas que promovem suporte afetivo/material, acolhimento e cumplicidade.(SCARDUA, 2011)



levantar. Os degraus que desço quando me empurram são os mesmos que utilizo com muito prazer quando subo, sentindo-me muito mais forte, enquanto os que me empurraram, estão lá embaixo, porque são dignos de pena e precisam crescer muito para me alcançar. Não sou melhor que ninguém, mas sei a diferença entre seres humanos e humanizados.

O discurso da inclusão, da humanização é muito bonito quando se fala em humanizar as crianças, os alunos. O problema é tentar fazê-lo entender porque quando ele chega à escola, cumprimenta os funcionários, os professores e estes não respondem aos cumprimentos dos colegas muito menos ao dos alunos. É bonito uma sociedade em que se precisa registrar no papel os direitos dos diferentes, mas não se sabe nem se aprende a lidar com as diversidades, e a palavra “respeito” é desconhecida tanto na prática como no seu real sentido.

Eu continuo perguntando: chegará o dia em que não precisará de papel no qual serão registrados direitos, ou o dia em que não precise mais criar estatutos que nunca serão respeitados, ou delegacias para registrar ocorrências tentando fazer cumprir direitos para o desrespeito dos quais continuam aceitando o pagamento de fiança mesmo sendo considerados inafiançáveis? Estes são os verdadeiros crimes “hediondos”..

Enquanto isso não acontece podemos refletir a partir das palavras de Freire ( 1983; p.39 ) quando diz :

“A realidade social objetiva que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens também não se transforma por acaso, . . É preciso a ação dos homens para isso acontecer.

### 3.2 GINÁSIO

Para cursar o ginásio, fiz o curso preparatório para admissão ao ginásio no Círculo Operário de Itaquera, onde eram ministrados vários cursos para mulheres, tais como curso de corte e costura, crochê e tricô, culinária,

---

decoreção, cuidados com o recém-nascido e outros dos quais não me recordo agora, até porque não era de meu interesse fazê-los.

Aprendi muitas dessas habilidades com minha mãe e minha avó, embora não fossem do meu interesse,( porque não pretendia ser apenas do lar, queria ter minha profissão e me realizar pessoal e profissionalmente). Então fui prestar o exame em que noventa por cento dos alunos eram do sexo masculino, porque segundo os pais daquela época, mulher não precisava estudar muito.

Fui aprovada no tão temido exame, e fui cursar o ginásio no Colégio Estadual Professora Emília de Paiva Meira. Quatro anos sem muitas intercorrências, notas boas, muita dedicação entre trabalho e escola. Muitos compromissos, mais responsabilidades mais descobertas, mais aprendizado, maior aquisição de conhecimentos. Não participava das aulas de Educação Física, porque quem trabalhava era dispensado, embora tivesse muita vontade, não podia, pois não tinha tempo.

Nessa época já não era tão tímida, fiz muitas e boas amizades, com as quais tenho contato e convivência até hoje. Pessoas que são muito importantes para mim, se tornaram amigas de minha família. Eunice, uma dessas amigas, trabalhava no Hospital dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo, e me informou quando abriu concurso. Inscrevi-me, estudei muito, fiz as provas, passei e trabalhei lá por uns dez anos como escriturária. Paralelamente trabalhei também na Prefeitura do Município de São Paulo através de concurso. Nunca trabalhei num emprego só.

### 3.3 CURSO COLEGIAL

Cursei o Colegial, atual Ensino Médio, sem habilitação profissional, ou seja, o científico. Realizei essa etapa na mesma escola continuando por mais três anos. O curso foi bom, foi a época em que mais fiz boas amizades diferentemente do primário. Agora estava fazendo O Curso Colegial. Que status!

Éramos tratados como adultos, responsáveis por assinar nossa matrícula, receber nosso boletim, participar de reuniões de pais, responsáveis

por nós mesmos, comprar nosso próprio material, a maioria de nós já votava e assim ajudávamos a escolher alguém que defendesse nossos direitos, interesses e necessidades perante a sociedade, indicávamos representantes nos três poderes, pelo voto (doce ilusão!).

As disciplinas eram outras e nos orientavam como sermos independentes. Estudar Física, Química, Organização Social e Política Brasileira, Literatura, Biologia nos davam a dimensão de que não só as disciplinas haviam mudado, mas nós também estávamos mudando, o mundo estava mudando, o Brasil estava mudando.

Adquiríamos mais conhecimentos, trocávamos experiências, crescíamos, aprendíamos não só os conhecimentos da vida acadêmica, mas conhecimentos de vida, de cidadania. Era apenas mais uma etapa da vida, mais uma fase que se completava e a necessidade de aprender, de ensinar, de saber, crescia junto com a gente.

## 4 ENSINO SUPERIOR

### 4.1 O CURSO DE PSICOLOGIA

Após o término do Colegial, fiquei um ano sem estudar oficialmente em algum estabelecimento público, mas me preparando para o vestibular por conta própria, lendo e estudando muito. Em 1979, prestei vestibular na Universidade de Mogi das Cruzes, passei e fui classificada em 13º (décimo terceiro) lugar para o curso de Psicologia concluindo-o em 1983.

O Curso de Psicologia foi a realização de um grande sonho, o maior sonho de minha vida naquele momento. Eu queria ter uma profissão pela qual pudesse conhecer muitas pessoas e poder ajudá-las, tornando seus problemas mais leves, sua infância e sua vida melhor, principalmente as crianças que são as maiores vítimas da convivência com adultos distraídos. Deveríamos educar as crianças de forma mais lúdica, reconhecendo que elas têm o direito e a necessidade do brincar, do brincar com ela, ler para ela, No brincar, na leitura, na brincadeira, a criança cria, viaja em seu mundo da imaginação.

No brincar, a criança sempre se comporta além do seu comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário. No brincar é como se ela fosse maior do que é na realidade, como no foco de uma lente de aumento, o brincar contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo uma fonte de desenvolvimento (VYGOTSKY, 2007, p. 134)

Sabemos que, brincando, a criança aprende a respeitar regras e o outro, a dividir, a ser cortês, solidária, e assim evolui demonstrando habilidades inerentes ao seu desenvolvimento. A brincadeira é uma ação espontânea, em que a criança se envolve totalmente, não escondendo seus sentimentos. É brincando que ela partilha e vive o mundo, assimilando conhecimentos e se organizando socialmente. É nesse brincar que ela se integra ao meio cultural e social. No brincar, no jogo de faz de conta, a criança tem a oportunidade de expressar seus sentimentos, anseios, desejos, angústias, necessidades, alegrias e tristezas. Segundo RCENEI / BRASIL (1998, v.1, p.27): “Nas brincadeiras as crianças transformam os conhecimentos que já possuem anteriormente em conceitos gerais, com os quais brincam.”

As brincadeiras infantis não são apenas atividades em que as crianças desabafam ou se entretêm para gastar energias, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento cognitivo.

Percebo que na Educação Infantil, a brincadeira é considerada atividade fundamental enquanto que nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ela costuma ser relegada a segundo plano. E quando isto acontece, a dimensão lúdica se perde sufocada por uso didático que a restringe a seu papel técnico e a brincadeira esvazia-se. Em vez de aprender brincando, a criança é levada a usar o brinquedo para aprender.

Em nossa sociedade urbana, ler, escrever e estudar tornaram-se atividades fundamentais para a criança em idade escolar, e os jogos e as brincadeiras só têm lugar na prática pedagógica, quando auxiliam a elaboração e construção de conhecimentos sistematizados.

Esse curso possibilitou-me trabalhar na área educacional em uma Escola Infantil por dois anos, fazendo acompanhamento e aconselhamento a alunos e/ou pais de crianças com dificuldades na aprendizagem, e através da ludoterapia, conseguíamos resgatar a necessidade do brincar, do aprender brincando e pontuar os problemas que estavam dificultando a aprendizagem, tratando-os de acordo com a necessidade apresentada em cada caso. Trabalhei também na área clínica com atendimento a crianças e adolescentes.

Percebo que existem adultos que acreditam que as crianças não sofrem diante dos problemas que enfrentam na convivência com os adultos, muitos pensam e até verbalizam, considerando que crianças não entendem nada, na maioria das vezes nem percebem a angústia que elas estão sentindo.

Deveríamos possibilitar momentos mais afetuosos para essas crianças, se as tratássemos de forma mais aberta, muitas vezes a criança nos olha esperando de volta um olhar amoroso, um gesto afetoso, porém não tem o retorno esperado, e isso gera sofrimento. Devemos ser mais compreensivos, transmitindo informações com mais clareza. Agindo dessa forma, com certeza não precisaríamos nos preocupar em humanizar os adultos.

Posso dizer que o curso de Psicologia foi feito a quatro mãos literalmente. Eu dormia quatro horas por noite, pois, para chegar dentro do horário na Universidade, tinha que pegar o primeiro trem que saía da estação

às quatro horas da manhã. E quando chegava à sala de aula, já tinha que estar com o relatório pronto referente ao atendimento do dia anterior.

Aqui é que entra a cumplicidade e companheirismo de minha santa mãezinha, que, como uma fada, ajudava a realizar os sonhos dos filhos. Mesmo cansada, sempre me apoiava e me ajudava ditando o relatório que muitas vezes eu rascunhava em pé no trem ou no ônibus, o qual era datilografado, e quando eu errava alguma palavra, tinha que inutilizar o trabalho daquela folha, pois não havia uma forma de corrigir, pois naquela época não era tão simples como no computador de hoje em dia. Íamos dormir na maioria das vezes à meia noite, e às três horas da manhã - o meu carrasco despertador me tirava da cama sem dó nem piedade - já estava saindo de casa.

Minha mãe sempre esteve presente nos melhores e nos piores momentos de minha vida, e no dia da formatura estava lá. Agradeço a ela imensamente, pois metade do sacrifício para obter o certificado foi feito por ela também.

#### 4.2 O CURSO DE PEDAGOGIA

No ano de 2005, mudei-me para Natal / RN, aqui trabalhei no Projeto RN Caminhando, em 06 etapas como Alfabetizadora, este vínculo com a Secretaria do Estado de Educação e Cultura -SEEC desde 2006 possibilitou-me prestar o vestibular para o Curso de Pedagogia.

Ingressei no Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy -IFESP em 2009. Isso foi possível porque nessa época eu estava atuando no Programa RN Caminhando, programa oferecido pela Secretaria Estadual de Educação e da Cultura do RN, o qual procura erradicar o analfabetismo de jovens, adultos e idosos.

Passei em quarto lugar para a 1ª turma de Pedagogia. A turma iniciou com 33 alunos, formada por pessoas interessantes, todos trabalhadores, dedicados; alguns com experiência de sala de aula; outros, funcionários da Educação, mas não de sala de aula, porém batalhadores, vencedores por excelência. Todos amigos; uns parece que conheci a vida toda, cada um com sua particularidade.

Os primeiros dias de aula foram de uma ansiedade muito grande, ninguém era conhecido. Oportunidade de fazer novos amigos. As primeiras disciplinas ministradas, os grupos foram se formando automaticamente à medida que os primeiros trabalhos eram solicitados.

O curso foi se desenvolvendo e agora me vejo diante da responsabilidade de escrever um memorial. Veio o susto, a dúvida: o que escrever e o que não escrever? Coragem para expor os sentimentos, as dificuldades passadas, mágoas, os problemas enfrentados, traumas superados ou não. De repente chego à conclusão de que isso tudo fez e faz parte, sem esses percalços, não estaríamos aqui, não teríamos chegado. Muitas vezes, muitos dos problemas enfrentados nos fizeram refletir e até pensar em desistir, parar tudo.

Alguns de nossos colegas tiveram coragem ou necessidade de interromper a jornada, dos quais alguns retornaram e de posse de suas bagagens, mais ou menos pesadas, refizeram seu trajeto e novamente seguiram atrás da realização de seus sonhos, estando mais perto da chegada do que da partida.

Aos que não puderam ou não quiseram retornar, espero que seus desejos de realização se tornem palpáveis e que a felicidade esteja presente em seus projetos. Que Deus esteja à frente de seus ideais e acima de todas suas dificuldades, pois muitas vezes passamos por algumas dificuldades cujas soluções estão nas mãos de Deus e só Ele para resolver, pois são impossíveis aos humanos.

A palavra de Deus é uma só, quando Ele promete, cumpre, o importante é não perder a fé e persistir. Agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de sentir o milagre acontecer em minha família, em minha vida.

Cabe aqui ressaltar a importância do Curso de Pedagogia em formar professores capazes e qualificados para atuarem na Educação. O mediador entre o conhecimento e o aluno é o professor, pois de forma construtiva ajuda a fazer acontecer a aprendizagem. Vemos então cada vez mais a necessidade da formação continuada do professor visando à interação, à troca, percebendo nesta relação a apropriação de novos conhecimentos, por isso é importante estar aberto para buscar novas formas de ensino, e para aprender, pois ensinar

é uma troca prazerosa, e como diz Freire (2006, p.23): “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender.”

Na disciplina Currículo e Cultura aprendi que é uma ferramenta de construção social, que resulta no diálogo entre diversos campos do conhecimento e do confronto de interesses de grupos que se instalam na escola em sala de aula e fora dela também. O currículo é assim, "documento de identidade", reflexo do momento histórico em questão e diretamente vinculado às relações de poder, a organização e estruturação da sociedade, e a visão de mundo do grupo social dominante (SILVA, 1999, p.150),. Paralelamente a isso estudei também sobre planejamento e plano de aula o qual segue alguns passos: Tema, conteúdo, objetivos, procedimentos, recursos, motivação e avaliação.

O ser humano sem saber planeja seu dia a dia. A dona de casa planeja desde o amanhecer até o anoitecer, do café da manhã ao jantar e tudo tem uma meta a ser alcançada. A aula bem planejada ajuda na organização do dia na sala de aula clareando o aprender e o ensinar, porque se o professor não planejar se confunde e confunde o aluno, ficando ambos inseguros, tornando difícil a relação professor-aluno.

Não se deve esquecer de que o planejamento é flexível e que por isso temos que ter um plano B, para ser utilizado no caso de algum imprevisto acontecer. Quanto à avaliação, esta deve ser feita de forma a abranger o plano de trabalho, o material utilizado e o fazer do professor.

Todas as disciplinas vistas no Curso de Pedagogia foram muito importantes, algumas nos remeteram à infância, outras nos fizeram lembrar o desenvolvimento de nossos filhos, o comportamento deles em certas situações, outras nos levaram a refletir sobre nossa postura em sala de aula, permitindo um novo olhar sobre nossos alunos, nosso discurso, nossas ações e nossos pensamentos.

A maioria delas, senão todas, renovou-nos pessoal e profissionalmente, com novo olhar, não apenas em relação à Educação, em relação à vida, pois a partir da primeira aula confirmamos que, em contato com pessoas diferentes, com leitura de novos livros, novos textos, novos temas; a cada encontro nos transformamos, pois o conhecimento nos transforma.



A disciplina Ética, Política e Cidadania veio reforçar a postura, reflexão e questionamentos frente a direitos e deveres nossos e de nossos alunos. Pudemos comparar e perceber as mudanças em Educação Física, que hoje em dia entende a criança em sua totalidade, reconhecendo-a como um ser global considerando necessário o equilíbrio corpo-mente para a saúde física e mental plena, melhor qualidade de vida e melhores condições de adquirir novos conhecimentos. (Câmara, 2001)

O que ficou muito claro para mim é que os quatro pilares de sustentação da prática pedagógica, quais sejam: *aprender a conhecer*, *aprender a fazer*, *aprender a conviver* e *aprender a ser*, não devem ser utilizados apenas para essa prática, mas para a prática da vida. (MORIN, 2006.)

Se seguirmos esses pilares, com consciência, com respeito, e de uma forma humanizada, estaremos fazendo de nós mesmos pessoas muito melhores e tornando a vida do outro, de nosso semelhante, também melhor.

Um ponto importante a se destacar também de um curso de licenciatura é a realização do estágio, o qual “se configura como um espaço de reflexão de suas práticas, a partir das teorias, de formação contínua, de ressignificação de seus saberes docentes e de produção de conhecimento” (PIMENTA, 2004, p.141).

Durante o Curso de Pedagogia realizamos quatro estágios: o primeiro foi na área da Educação Infantil, na Creche Municipal Maria Ferreira. Inicialmente fomos conhecer a escola, levamos a carta de apresentação e solicitação de estágio, para poder marcar horário. Depois fomos fazer a observação e o último passo foi a docência. Para que a docência acontecesse com sucesso, elaboramos um plano de trabalho no qual constava o passo a passo de cada dia.

Vale destacar que a instituição nos recebeu de braços abertos, respondendo aos questionários, colocando-se à disposição para o que precisássemos. Do porteiro à direção, todos exercem realmente o papel como profissionais responsáveis, estando sempre atentos às necessidades da criança.

Lembro-me de um menino que chorava demais, pois ainda estava em fase de adaptação à creche. Quando sua mãe o deixava lá, batia a cabeça, jogava-se ao chão. Enquanto a professora da sala estava recebendo os outros,

o vigia, o porteiro, as meninas da limpeza e cozinha sempre um ou outro estava disponível para acalmá-lo.

O segundo estágio ocorreu no Ensino Fundamental, na Escola Estadual Presidente Kennedy, um anexo do IFESP, conhecida como Escola Laboratório por ser um ambiente que reconhece a necessidade de os estudantes pesquisar e estagiar. É um espaço aberto para o crescimento da Educação, e sempre que podem colaboram para o crescimento e avanço de profissionais em prol da Educação.

Estagiamos em uma sala do 2º ano. A direção, professores, coordenação, todos foram amistosos e colaboraram conosco, para que o estágio transcorresse na mais completa tranquilidade.

Após a fase de observação que foi muito interessante, elaboramos nosso plano de aula e fomos para a regência. As crianças são muito ativas e participativas, curiosas o que facilita a aprendizagem. Preparamos nosso plano de intervenção após ter detectado em que poderíamos colaborar para a melhoria do aprendizado.

Investimos na leitura, visto que é muito importante, pois é através dela que o leitor viaja, descobre mundos, cria situações, fantasia, representa e vive muitos papéis os quais a preparam para a vida e ajudam no seu crescimento psicossocial.

O terceiro estágio ocorreu na gestão, e foi realizado na Escola Estadual Professor Hudson Brandão, uma escola de porte pequeno, mas muito organizada, com salas muito bem distribuídas, bem decoradas. Essa escola faz parceria com a Secretaria Municipal de Saúde a qual colabora com palestras e disponibiliza dentista e oftalmologista para os alunos.

A gestão dessa escola é participativa da qual a comunidade também participa, tanto das decisões como das execuções. Existe também a participação dos pais, é uma escola inclusiva, as crianças têm uma aparência saudável, com alegria no rosto, um astral muito bom.

A gestora conta com a compreensão dos funcionários para que tudo saia a contento, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB está dentro do esperado. Com esse estágio, aprendemos sobre os recursos que a escola recebe e para que são destinados. Às vezes, a gente que está de fora

critica a escola por estar faltando algo, mas não sabemos que cada verba tem o seu destino certo e só pode ser usado para aquele fim.

O último estágio foi desenvolvido em um espaço não escolar. O curioso é que nós ouvíamos falar em espaço não escolar mas não imaginávamos qual o papel do pedagogo num espaço como esse. Fui estagiar com outros colegas na Cruz Vermelha Brasileira com sede no Rio Grande do Norte, e lá pudemos entender de que se trata de uma entidade sem fins lucrativos, preocupada com o bem-estar da comunidade. Essa instituição participa de ações para ajudar sobreviventes de enchentes, vítimas da seca, da fome, do frio, do abandono familiar, etc.

Essa entidade promove cursos como o de Primeiros Socorros, Socorrista, Cuidador de Idosos e promove palestras sobre voluntariado, levando o cidadão à conscientização de que devemos fazer nossa parte; por menor que ela pareça ser, no final irá fazer uma diferença muito grande.

Um ditado que parece estar batido de tanto que se ouve falar é a mais pura realidade: a união faz a força. Nesse espaço de trabalho difícil é juntar muitos voluntários num evento só, pois essas pessoas têm suas profissões e precisam trabalhar para seu sustento.

Mas é aí que entra o papel do pedagogo, que planeja passo a passo e consegue seu objetivo final, reunindo um grande grupo de voluntários, em pontos estratégicos, cada um com sua tarefa definida e consegue alcançar um montante grande de coletas que serão enviadas ao necessitado. Tivemos a oportunidade de elaborar um projeto para ser aplicado nesse espaço, levamos para a apreciação da presidente e os demais membros da entidade os quais gostaram e tiveram nossa autorização para colocá-lo em prática.

Todos os estágios me oportunizaram relacionar a teoria à prática. Aprendi o que fazer e principalmente o que não fazer em relação à postura profissional. Aprendi que o trabalho do professor é a cada dia um desafio e que ele tenta sempre acertar, por isso se faz necessário rever sua prática. Assim nos diz Freire (1996, p.43): “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”

Agradeço às escolas, aos alunos, diretores, professores e funcionários, os quais de alguma forma colaboraram com nosso crescimento profissional e pessoal.

Nos estágios realizados nas escolas por onde passei; professores, alunos, tudo contribuiu para me fortalecer como profissional. Tudo o que fizemos para as crianças tem que ser feito com muita dedicação, muito amor e tudo tem que ser pensado para eles, senão não funciona. Temos que lembrar que a Educação só tem sentido se houver transformação. Muitas disciplinas são importantes para nossa vida pessoal e profissional. Já não somos mais os mesmos; a cada encontro muda nossa postura, nossa visão de mundo, nosso olhar para a vida.

Aprendemos que as crianças precisam, além de atenção, de cuidados higiênicos, alimentares, de afeto, contato, toque. O relacionamento do adulto com a criança deve ser de qualidade, não apenas quantidade.

Temos que levar em conta o entorno da escola, a comunidade, o meio e a cultura em que a criança vive. Devem-se ter alternativas que oportunizem novas práticas pedagógicas. O trabalho do professor torna-se um desafio a cada dia almejando acertar. Ele deve procurar um meio de respeitar o ritmo de seus alunos.

O aluno deve estar de forma contínua sendo preparado para ser um cidadão, um ser social, ativo, transformador, consciente de seus direitos e deveres, crítico e sabedor que sua postura, seus questionamentos, suas cobranças têm o poder de transformar a sociedade, melhorando seu mundo e de seus semelhantes, contribuindo para uma vida saudável onde possa ser multiplicador de ações, não apenas na comunidade em que vive.

## 5 VIDA PROFISSIONAL

Iniciei minha carreira profissional como escriturária na Secretaria do Bem Estar Social da Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo. Depois prestei concurso para essa mesma secretaria para trabalhar como psicóloga. Lá colaborei na elaboração e desenvolvimento de projetos de capacitação para profissionais de creche, substituindo diretores de creches em suas férias e/ou licenças, aplicando treinamentos a funcionários novos, fazendo parte de uma equipe multidisciplinar, composta por assistentes sociais, enfermeiros, sociólogos, engenheiros, médicos, nutricionistas e pedagogos.

Essa equipe fazia supervisão no atendimento a crianças de zero a seis anos, pois naquela época a criança ia para a escola com sete anos de idade. E cada profissional elaborava seu projeto para aplicar na creche de acordo com a necessidade apresentada pelo mesmo.

Nessa mesma época, comecei a trabalhar na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo; não era concursada, as aulas eram atribuídas através de seleção por currículo, ministrando aulas para turmas do Segundo Grau, com as disciplinas de Psicologia, Sociologia e Filosofia, as quais, nessa época, em 1988 faziam parte da grade curricular.

Trabalhei na área da Educação estadual e na prefeitura até 1995, quando prestei concurso para Psicóloga no Ministério Público do Estado de São Paulo. Fui aprovada e trabalhei até o ano de 2002 no Tribunal de Justiça desse estado época em que me aposentei. Fiquei mais três anos em São Paulo e vim morar aqui na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

Como sou uma pessoa inquieta, em 2006, iniciei no Programa Brasil Alfabetizado, do Governo Federal em parceria com a Secretaria de Educação do Estado e da Cultura do Rio Grande do Norte SEEC, e neste estado ficou conhecido como RN Caminhando. Esse programa contribui para erradicar o analfabetismo entre jovens, adultos e idosos. Trabalhei em 05 etapas desse programa.

Realizei um estágio remunerado, durante 10 meses, pela Secretaria Municipal da Educação de Natal – SME e Instituto Euvaldo Lodi (IEL)<sup>2</sup>. Esta

---

<sup>2</sup> IEL: No Rio Grande do Norte, o Instituto Euvaldo Lodi foi criado e instalado no dia 28 de setembro de 1970, por iniciativa da FIERN e dos departamentos regionais do SENAI/RN e

possibilidade de atuar na área educacional com alunos das séries iniciais abriu novos horizontes colocando-me frente à realidade de tudo aquilo que vemos no papel, refiro-me aqui ao papel da escola, da família, do governo, das leis, dos estatutos, das delegacias, dos professores, de todos os direitos e deveres de cada um desses, que na verdade, na maior parte existem apenas no papel, e necessitam existir no papel, para garantir que sejam cumpridos, mas que mesmo existindo no papel, não é garantia de cumprimento. Trabalhei como *apoio* acompanhando crianças com deficiência e/ou necessidades especiais.

A educação das crianças com deficiência na Educação Básica é regulamentada na Resolução CNE / CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001 que institui as Diretrizes Nacionais para educação de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais em todas suas etapas e modalidades no seu Art. 1º.

Ainda no Art. 1º em seu parágrafo único propõe:

O atendimento escolar desses alunos terá início na educação infantil, nas creches e pré-escolas, assegurando-lhes os serviços de educação especial sempre que se evidencie, mediante avaliação e interação com a família e a comunidade a necessidade de atendimento educacional especializado. (BRASIL, 2001).

Observei durante esse estágio que a proposta de inclusão não foi bem compreendida pela escola, não houve um trabalho como um todo, se houve, não foi refletido e não há uma avaliação contínua feita de forma correta, falta conscientização.

Penso que num estágio anterior à chegada da criança à escola, deveria ser feito um trabalho com a comunidade escolar, envolvendo pais, funcionários, alunos, de uma forma participativa, informando que trabalho é este e preparando-os inclusive para cooperar e não marginalizar a criança como acontece atualmente que rejeitam de vez excluindo das atividades de sala de aula ou protegem de forma exagerada e errada impedindo-o de avançar na

---

SESI/RN. Voltado inicialmente para a intermediação de estágios, cresceu consideravelmente a partir de 2004, a oferta de seus serviços ao setor produtivo, passando a disponibilizar novos produtos e serviços. O IEL/RN é integrante do Sistema FIERN, que tem como missão contribuir para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte, realizando a interação entre o universo do conhecimento e o setor produtivo, prestando serviços de Educação e Desenvolvimento Empresarial. (<http://www.rn.iel.org.br>)

aquisição de conhecimentos, no aprendizado, prejudicando-o no seu desenvolvimento global dando-lhe a entender que ele pode tudo, e que ao mesmo tempo não pode nada.

O aluno com necessidades especiais raramente é convidado a participar de atividades comemorativas, é como se ele não fizesse parte do quadro de alunos matriculados naquela turma. Na escola em que atuei, já vi outros alunos apelidando de “doidinho”, mães dizendo para os filhos não brincarem com essas crianças com problemas e professores reclamando: “você já chegou, pronto agora é que não vou conseguir dar aula”. Isso entristece um adulto, imagine uma criança.

A família destes, por sua vez, sente-se impotente, acatando tudo sem se dar conta de seus direitos e muitas vezes acreditando que estão devendo favor, outro absurdo é confundir inclusão com depósito de crianças, não é porque a lei garante o direito de ele entrar na escola que vamos aceitá-lo sem nos preocuparmos com o que será planejado para essa criança. Lembrando aqui que cada criança é um ser único, então não podemos generalizar, cada uma tem sua necessidade. Esta deve ser contemplada pelo planejamento. Penso que o problema não é o direito de entrar na escola, mas também o de permanecer nela, e quando sair, espera-se que a escola tenha feito a diferença.

Aprendemos que as crianças precisam além de atenção, de cuidados higiênicos, alimentares, de afeto, contato, toque. O relacionamento do adulto com a criança deve ser de qualidade, não apenas quantidade. Temos que levar em conta o entorno, a comunidade, o meio em que a criança vive e a cultura desse meio. Devem-se ter alternativas com novas práticas pedagógicas. O trabalho do professor torna-se um desafio a cada dia procurando acertar. O professor deve procurar um meio de respeitar o ritmo de seus alunos.

Pensar e elaborar um projeto capaz de transformar a realidade dessa criança, dessa família, onde seja trabalhada a cidadania, a independência, a autonomia, porque a educação só acontece se houver transformação. Este é um dever da escola e também do professor.

Juntos, sociedade, escola, família, comunidade temos responsabilidade com o aluno, cada um fazendo sua parte e trabalhando em parceria

conseguiremos atingir o objetivo. Mudar a realidade do ensino neste país e preparar o aluno para mudar sua própria realidade é nossa missão.

Temos que nos esforçar para acabar com o preconceito, a falta de respeito, a discriminação, o *bullying*, a falta da verdade, a exclusão, a desumanização e tudo que humilha a pessoa e a tira da condição de Ser Humano.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever este memorial se constituiu para mim numa maravilhosa e gratificante experiência. Em alguns momentos senti dificuldades, insegurança e receio de voltar ao tempo e reviver tantas emoções através de experiências vividas, resgatando as lembranças do passado, presente e os sonhos futuros.

Considero que o Memorial de Formação é a forma importante de registrar, por escrito, as lembranças repletas de acontecimentos, pessoais ou não, vividos por cada um, para que não fique no esquecimento.

Com esperança, sonho com um mundo mais justo, acreditando que através de um ensino de qualidade, inserindo também nos conteúdos através de temas transversais os valores como amor, respeito às diferenças, solidariedade, amizade, paz e esperança, para que possam ser muito mais dignos e felizes.

Tenho como objetivo a continuidade de meus estudos aperfeiçoando-me cada vez mais na área da educação. A principal meta, no momento, é caminhar para a conclusão da Especialização em Educação Infantil, e ser convocada para ser pedagogo por meio de um concurso que realizei para esse fim e fui aprovada e convocada. Pretendo fazer a diferença nesta área trabalhando também com inclusão.

Através dos conhecimentos adquiridos pelos estudos realizados, aprendi a refletir sobre minhas ações rever as minhas atitudes e a prática pedagógica buscando melhorar sempre. Segundo diz Freire (1993, p. 87) “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática”

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE / CBE 2/2001. Diário Oficial da União; Brasília, 14 de setembro de 2001 – seção 1 E, p. 39-40 .
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental . **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** : Introdução. Brasília: MEC/CEF, 1998, (v.1)
- CÂMARA, Tereza C.B. A educação física no cenário atual da educação brasileira (A criança e o movimento). Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL. Disponível em <http://imagem.gov.br>. Acesso em 17 jan. 2010
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 32. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia** : saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Cortez, 2006.
- GODOY, Célia et al. A (in) disciplina escolar nas perspectivas de Piaget, Winnicott e Vygotsky. **Revista Psicopedagogia**. v.23, n.72. São Paulo, 2006.
- IEL-RIO GRANDE DO NORTE. Disponível em: <http://www.rn.iel.org.br>. Acesso em 24 março 2014
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2006.
- PARENTE, Regina Marques. **As faces da relação entre preconceito racial e educação**. Muito além dos jardins. In: VEIGA-NETO, Alfredo et al., SCHMIDT, Saraí (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SCARDUA, Angelita Viana Corrêa. **A resiliência**. Disponível em: <http://angelitascardua.wordpress.com>. Acesso em 21 abr. 2014.
- SILVA T. T. Documentos de identidade: **uma introdução às teorias do currículo** BH: Autêntica, 1999.
- VYGOTSKY Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo : Martins, 2007.